

Massacre dos Avá-Canoeiro: o holocausto nosso de cada dia

Brasíliás Felício

A captura de quatro Avá-Canoeiro nas serras próximas a Minaçu e Cavalcanti pode ter sido uma surpresa para as pessoas que não acompanham de perto a luta desigual que os índios arredios vêm mantendo por sua sobrevivência. Mas o fato não espantou a Antonio Bonis dos Santos, e aos antropólogos e sertanistas. Em Cavalcanti e Monte Alegre, os índios vinham matando animais (vacas, cavalos, burros e caprinos), levando alguma tensão aos moradores da região. A presença deles já fora notada em 1973, quando ali estiveram os sertanistas Apoena Meirelles, Praxedes e Benamor Brandão (filho de criação do Marechal Rondon). A região de Cavalcanti, Uruaçu e Minaçu também já ouviu falar muito das aparições fugazes desses índios arredios que atacavam o gado (principalmente os equinos) ou levavam alimento das roças. Reportagem de José Sebastião Pinheiro colheu o depoimento de Eduardo Fernandes de Castro, dono de uma fazenda em que uma vaca sua foi flechada pelos índios: "Meu neto viu a vaca atacada por um estrepe e avisou a todos. Só depois que tiramos vimos que era uma flecha".

O terror que as pessoas do povo sentem com relação aos índios não vem do medo de serem os silvícolas agressivos; é que, na luta pela sobrevivência física, os índios infligem danos às suas propriedades. Daí o ódio que sentem os fazendeiros, e a fuga constante dos índios, que têm, a cada dia, de procurar um lugar onde não sejam vítimas do "pau-de-fogo". A prova de que conhecem muito bem o dano que um revólver faz a uma vida, é que os quatro Avá-Canoeiro capturados em Minaçu temem a sua simples visão, atemorizando-se diante de qualquer objeto que tenha semelhança com ele. A crença de Antonio Bonis de que havia índios na região acabou provando ser lógica. Mesmo porque até mesmo moradores de Minaçu dão testemunho de que fazendeiros mataram índios. Manoel Antonio da Silva, farmacêutico, velho pescador, diz nunca ter visto vestígios da presença deles na região: "Ouvi falar que, há 18 anos, houve um conflito aqui, morreram vários índios e civilizados. Pensei que não existissem mais índios por aqui". Estêvão Pereira de Araújo dá conta de que eles já mataram vacas e éguas na região, e por isso houve perseguição por parte dos fazendeiros.

Na literatura conhecida sobre os Avá-Canoeiro, são encontradas hipóteses as mais excêntricas sobre sua origem e as mais extravagantes observações sobre seus costumes. Uma das hipóteses sobre sua origem é a de que seriam um povo oriundo de negros e índios carijó, foragidos das Bandeiras. A constante preocupação com a obtenção de alimentos fez deles um povo nômade, cujo meio-ambiente era (quando existia) as manchas de mata espalhadas nos grandes latifúndios, pairando por todos os lados a presença ameaçadora do branco, seu inimigo maior — daí sua condição de nômades, ou melhor, de fugitivos, dizem Apoena Meirelles e Denise Meirelles: "No dia 26 de novembro de 1973, penetramos pela primeira vez no seu acampamento. Ali encontramos redes, confeccionadas com fibras de buriti; alguns objetos de madeira e couro, muitos arcos e flechas. Fabricam várias flechas para fins diversos; não possuem indumentária. Entre eles não existe uma nítida divisão sexual do trabalho, mas a fabricação das flechas e a caça são exclusivas dos homens. As mu-



Este Avá tem um pé enorme, achatado. Ganhava roupas, um facão e um par de botas, e não se separa mais desses utensílios, de que, até então, nunca precisou para (sobre) viver



Fotos: HÉLIO NUNES

Os quatro Avá-Canoeiro, talvez os últimos sobreviventes da única raça de índios arredios. Acuados como cães, terão que se render à "civilização"



Esta Avá, de cerca de 40 anos, é a mais arredia; quase não fala, embora cante, de madrugada, com seus irmãos de raça. Na foto, com o grande cachimbo, que eles mesmo fazem

heres e os homens praticam a coleta de frutos silvestres, tais como o pequi, que comem cozido ou cru; apreciam também o mel de abelhas: quando abatem um boi, aproveitam-no por inteiro. Depois de esquarterado, colocam para assar as partes maiores, sem tirar o couro. Dos pés fazem um caldo, e aproveitam também os ossos, que simplesmente roem".

A simples tarefa de sobreviver foi ficando cada vez mais difícil para essa raça de índios, que foi conhecida e lendária por sua valentia. Dizem os estendidos que até os outros índios tinham medo da ferocidade dos Avá — mas teria sido sempre assim?

Os estudiosos asseguram que nem sempre os Avá-Canoeiro foram um povo agressivo, e que só adotaram a atitude do ataque depois que suas tribos foram quase literalmente dizimadas. Em Goiás mesmo houve massacres conhecidos de tribos inteiras em expedições comandadas por fazendeiros. Quem conta uma história sobre isso é José Fernandes Sobrinho, natural de Uruaçu, pessoa que conhece profundamente a região. Diz que os Avá tinham um aldeamento em Ourinho de Deus (hoje Santa Tereza), e que eles habitavam a região do alto Tocantins e do Rio Maranhão: "Eles não eram violentos, até quando um acontecimento, envolvendo o Correia de Miranda, desencadeou

uma guerra. Um dia, quando ele vinha do sul com um carregamento de víveres, viu uma índia, bonita, em Ourinho de Deus. Atirou nela, matou-a e cortou seu seio, levando-a para verem o que ele tinha feito. Os índios atacaram sua fazenda e mataram toda sua família, fazendo a mesma coisa, isto é, cortando os seios e os genitais de suas vítimas; João Correia de Miranda arranjou um rastreador, um índio chamado Cunha, e foi procurar o aldeamento dos Avá, que era na Fazenda Veríssimo. Houve ali um massacre, que matou mais ou menos 50 índios, entre crianças, velhos e mulheres; poucos sobreviventes conseguiram fugir. Conta-se que mataram uma índia gorda, que tinha umas nádegas enormes. Sobreviveu um índio novinho, que João Correia adotou — mais tarde, disseram que o índiozinho poderia se vingar, e João Correia mandou matá-lo, mesmo depois de tê-lo adotado." Surgiu daí o hábito dos Canoeiro de cortar seios e genitais das pessoas que mataram — passaram do comportamento pacífico para a violência, pois foram induzidos a isso.

Quem vê seu espaço vital a cada dia diminuindo e tem de buscar seu alimento em áreas cada vez mais difíceis cai, fatalmente, no desespero. José Fernandes Sobrinho conta que nesse ataque aos Avá-Canoeiro destacou-se na sua defesa um

negro remanescente dos escravos fugidos dos quilombos e que veio morrer na boca das armas atacantes, tal a sua valentia. Nem sempre, portanto, os "Cara-Preta" cortaram peitos de mulheres. E se matam caprinos e bovinos, é porque o fazem movidos pelo instinto de sobrevivência, já que seu espaço vital foi quase reduzido a zero — além de que, para eles, a linguagem e as convenções mercantilistas não existem. Para um Avá-Canoeiro, acuado no mata como bicho bravo, uma vaca não tem valor comercial — ele não conhece marcas nem tem consciência de que o animal é propriedade de alguém. Move seu gesto de matá-la a fome, que o está matando aos poucos. Daí, talvez, o gesto de rendição dos Avá em Minaçu, que praticamente procuraram o contato com os brancos, coisa que se recusam a fazer há anos, apesar de acoitados. Os estudiosos do assunto julgam que não devem existir nem 40 Avá em todo o Estado. Isto significa que essa raça está em plena agonia, depois do holocausto que os "cristãos" e "civilizados" lhe infligiram. Caso não se faça alguma coisa para salvar o que resta desse povo guerreiro (que também, e talvez mais do que nós, os brancos, é brasileiro), provavelmente não restará um vestígio, um testemunho, um documento sequer de que esse povo lendário existiu.

Os filhos da terra sem lugar para viver

A ANTROPÓLOGA Mari Baiochi tem uma opinião sobre os Avá-Canoeiro e a guerra destruidora que contra eles praticam os brancos, ditos civilizados: "Os índios, sentindo-se sufocados pela expansão da fronteira econômica que lhes reduz suas áreas de origem, ficam andando de um lugar para outro à procura de locais onde possam viver. Devem estar vivendo momentos difíceis e não sabem onde ficar. É preciso que se faça alguma coisa para salvá-los, já que estão fugindo das áreas que por natureza lhes pertencem".

Para Mari Baiochi, este deve ser o último grupo indígena arredio, no Estado, que sobreviveu ao massacre. Representam o último grupo de um povo muito temido, que soube lutar bravamente por sua sobrevivência. Tiveram aldeias de 200, de até 550 pessoas, e hoje não devem passar, ao todo, de 40, se tanto. Considero a história dos Avá-Canoeiro uma epopeia do mundo moderno, um holocausto praticado às nossas barbas, e com a nossa cumplicidade".

Para Mari, os Avá, que eram ribeirinhos, fugiram para as serras, onde já chegaram as companhias binacionais e até multinacionais. Quando atacam o gado, o fazem para sobreviver. Não roubam, porque nem sabe o que significa essa palavra: a vaca e os cavalos, para eles, são animais como os outros, que estão no mata, só isso. Quando matam para comer não se sentem criminosos, e não o são. Daí levarem bala dos fazendeiros, e o medo que sentem dos brancos", diz a antropóloga, apontando o descaso das instituições culturais em relação à cultura indígena: "Parece que está havendo uma piração coletiva, ninguém se importa com mais nada", desabafa Mari, para quem somos "cúmplices e coautores de um holocausto contra os índios".

Já para Acary Passos, outro sertanista acostumado a lidar com os índios de Goiás e Mato Grosso, os Avá-Canoeiro não têm mais lugar para viver e nem têm como se manter arredios: "O número deles é reduzidíssimo, não deve passar de duas dezenas. Suas áreas são cada vez mais roubadas, a caça diminuiu, têm que matar o gado, os equinos. Dos indígenas brasileiros, são o povo mais sofrido. O fato de terem praticamente se entregado aos brancos deve representar a angústia final. Em desespero de causa, tentaram fazer ver aos brancos a sua aflição. Parece que tiveram sorte, poderiam ter sido mortos imediatamente.

"E agora, como atrair os prováveis companheiros do grupo que se encontra em Minaçu? Acary pensa que a receptividade deles a esse trabalho de atração dependerá do tratamento que receberem: são muito desconfiados, acham que o branco é traçoeiro. Afinal, têm razão, pois são um povo que foi escoraçado de todos os lugares".